

Arthur Engrácio: entre o ficcionista e o crítico, o discurso

Thays Freitas Silva¹

Universidade Federal do Amazonas

Resumo

O estudo desenvolveu reflexões teóricas a respeito dos deslocamentos de posições-sujeitos nos textos de Arthur Engrácio, escritor amazonense vinculado ao Clube da Madrugada, até hoje considerado o mais importante movimento de renovação nas letras amazonenses. O objetivo precípua da pesquisa foi realizar o cotejamento entre a escrita do ficcionista e a do crítico, ambas produzidas pelo mesmo autor – considerando que Arthur Engrácio foi pródigo tanto na produção ficcional (contística), quanto na crítica literária (ensaística). Exploro os pontos convergentes e divergentes entre textos dos dois modos discursivos. Foram fundamentais para o escopo teórico os seguintes conceitos: a concepção de sujeito, com base em Lacan; a construção da identidade, a partir de Stuart Hall; o conceito de posição-sujeito em Michel Pêcheux; a noção de poder nas relações de sujeito e o deslocamento de sujeito em Michel Foucault. Procuro interrogar como as condições de produção da obra de Arthur Engrácio produzem modos de significar conflitantes entre os diferentes discursos, diferentes posições subjetivas e que desencadeiam pluralidades identitárias e pluralidades de concepções da discursividade artística.

Palavras-chave: Análise de discurso, posição-sujeito, deslocamento, literatura, Arthur Engrácio.

Abstract

The study developed theoretical reflections about the subject-positions shifts in Arthur Engrácio texts, Amazonas writer linked to the Dawn Club, today considered the most important renewal movement in the Amazonian letters. The main objective of the research was to carry out the comparison between writing fiction writer and critic, both produced by the same author - considering that Arthur Engrácio was lavish in both fictional production (contística), as in literary criticism (essays). Explore the similarities and the differences between the two texts discursive modes. They were fundamental to the theoretical scope of the following concepts: the concept of the subject, based on Lacan; the construction of identity, from Stuart Hall; the concept of subject position in Pêcheux; the notion of power in the relationship of subject and the movement of the subject in Michel Foucault. Explore how the conditions of production of Arthur Engrácio of work produce modes mean conflicting between different discourses, different subjective positions and triggering identity and pluralities of pluralities of artistic discursive conceptions.

Keywords: Discourse analysis, subject position, displacement, literature, Arthur Engrácio.

Introdução

Nascido em Manicoré, Amazonas, Arthur Engrácio da Silva participou do Clube da Madrugada, atuando como ficcionista. O Clube da Madrugada foi o mais importante movimento artístico-cultural na história da literatura no Amazonas. Para elaborar a sua prosa

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas (PPGL-Ufam).

de ficção, Engrácio elegeu o conto como a “forma” de sua preferência, talvez pelo fato de que a narrativa curta se adaptasse melhor a sua necessidade de comunicação imediata com o leitor.

O autor estreou em 1960 com *Histórias de submundo*, obra que tem a marca do pioneirismo por ter sido o primeiro livro de contos publicado sob a rubrica do Clube da Madrugada. Depois, publicou mais sete livros de contos: *Restinga* (1976), *Ajuste de contos* (1978), *Contos do mato* (1981), *Estórias do rio* (1984), a coletânea *20 Contos amazônicos* (1986), *Outras histórias de submundo* (1988) e *A Vingança do boto* (1995).

Além do pioneirismo na contística, Arthur Engrácio obteve êxito ao enveredar pela crítica literária; defendia a ideia de que a literatura verdadeiramente amazônica é aquela que tem como cerne homem e sua relação de produção com a natureza. Contudo, Engrácio, por vezes, se contradiz e coloca em dúvida seus critérios críticos, quando possui critérios diferenciados para autores consagrados e para os neófitos. Produziu os seguintes livros de antologias e ensaios, à guisa de crítica literária: *Antologia do novo conto amazonense* (1971), *Os pingos nos ii* (1983), *Um olho no prato, outro no gato* (1981), *A berlinda literária* (1976) e *Os tristes* (1997).

Os contos de Engrácio se notabilizaram pela recorrência da temática da vida do caboclo no interior da floresta. Na contística engraciana, a natureza ora é o pano de fundo, sempre espreitando as personagens, ora interfere decisivamente na ficção. Nesse sentido, parece ser uma contradição o fato de Engrácio criticar autores que humanizaram a floresta (ENGRÁCIO, 1976), levando-se em conta que ele, em sua forma única de engendrar a ficção, com uma espécie de economia narrativa, e assim mudando o foco do natural para o social, estaria exercitando também uma forma inovadora de humanizar a natureza.

Minha proposta neste estudo é desenvolver reflexões teóricas a respeito dos deslocamentos de posições-sujeitos nos textos de Arthur Engrácio. Assim, realizo o cotejamento entre a escrita do ficcionista e a do crítico, ambas produzidas pelo mesmo autor – considerando que Arthur Engrácio foi pródigo tanto na produção ficcional (contística), quanto na crítica literária (ensaística). Exploro os pontos convergentes e divergentes entre textos desses dois modos discursivos.

Foram fundamentais para o escopo teórico os seguintes conceitos: a concepção de sujeito, com base em Lacan; a construção da identidade, a partir de Stuart Hall; o conceito de posição-sujeito em Michel Pêcheux; a noção de poder nas relações de sujeito e o deslocamento de sujeito em Michel Foucault.

Conceitos operacionais em Análise do discurso - AD

Os estudos teórico-analíticos sobre sujeito em Análise de Discurso apontam-no inscrito em um espaço de enunciação do qual sua voz emerge. Lacan afirma que o sujeito não é total, ou seja, o sujeito é dividido. Para a melhor compreensão, Lacan (1995, p. 307) apresenta o seguinte esquema:

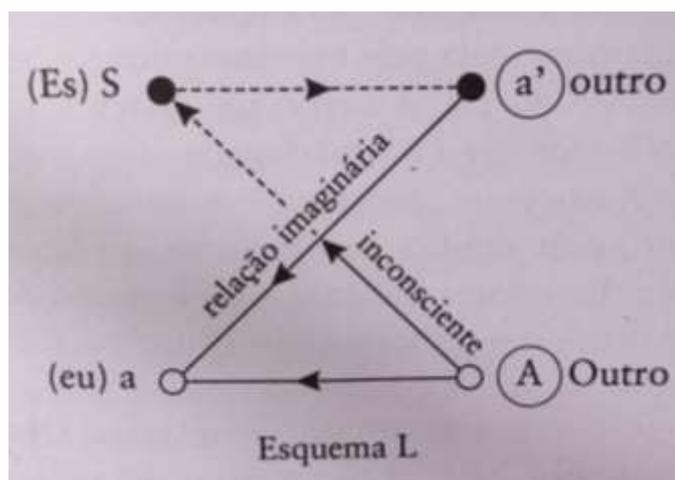


Imagem 1: relações do eu, Outro, inconsciente e sujeito

Na primeira apresentação do esquema L, Lacan chama o sujeito de S por causa da homofonia com o Es alemão, isto é, o *Isso*, instâncias freudianas. Nas retomadas posteriores do esquema, esse S que representa o sujeito será marcado por uma barra, em testemunho de sua divisão. Dessa forma, Lacan comenta a não totalidade do sujeito: “Eu não sou total, não. Nem vocês. Se se fosse total, estaria cada um no seu canto, total, não estaríamos aqui juntos, tentando organizar-nos, como se diz” (LACAN, 1995, p.307).

Portanto, para Lacan não existe sujeito sem *Outro*, pois é a partir desse *Outro* que o sujeito se funda. Ainda segundo o esquema lacaniano, o sujeito é dividido, ainda que o seja pela existência dos registros, dado que é distinto do *Eu*. A barra que marca o sujeito, \mathfrak{S} , testemunha também a refenda que o aflige e que remete além da divisão entre consciente e inconsciente, à divisão do sujeito, pela simples existência de seu liame com o simbólico. Essa barra indica que ele é sujeito do significante, mas que o significante não é um. O eixo a-a' é o da relação imaginária. O esquema mostra que não há relação possível com o Outro sem passar por esse eixo. Assim, “não há relação simbólica isenta de qualquer dimensão imaginária” (VANIER, 2005, p.56).

O sujeito e o discurso produzido por ele estão envolvidos com a constituição da identidade. Atualmente, essa questão da identidade tem sido muito debatida por

pesquisadores, pois notam no indivíduo moderno uma fragmentação. Stuart Hall é um desses pesquisadores voltados para as mudanças que esse fato tem proporcionado nas sociedades de forma geral. Hall (2014, p.12) afirma que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”. Logo, para Hall, o sujeito pós-moderno é fruto das transformações estruturais e institucionais, que produz uma identidade não fixa muito menos permanente, em alguns momentos, contraditória ou não resolvida.

Ainda segundo Hall (2014, p.50), a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Ele afirma:

[...] outro efeito desse processo foi o de ter provocado um alargamento do campo das identidades e uma proliferação de novas posições de identidades, juntamente com o aumento de polarização com elas. Esses processos constituem a segunda e terceira consequências possíveis da globalização, anteriormente referidos – a possibilidade de que a globalização possa levar a um fortalecimento de identidades locais ou a produção de novas identidades (2014, p. 50).

As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. Em sua obra *Semântica e Discurso* (1995), Michel Pêcheux procura refletir sobre o discurso, entendendo-o como sendo um ponto intermediário entre linguagem e ideologia. Pêcheux (1995) chama de posição-sujeito a relação de identificação entre o sujeito enunciador e o sujeito do saber (forma-sujeito).

O sentido só se produz pela relação do sujeito com a forma-sujeito do saber e, conseqüentemente, pela identificação do sujeito com uma determinada forma discursiva, o autor ainda explicita o que é a forma discursiva, “é o lugar da constituição do sentido (sua matriz, por assim dizer)” (PÊCHEUX, 1995, p.162). Então, “a forma-sujeito do discurso, na qual coexistem, indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, realiza o non-sens da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira” (PÊCHEUX, 1995, p. 266).

O sujeito existe em espaços físicos reais construídos sociocultural e historicamente, é necessário considerar as relações do sujeito discursivo com os espaços físico-sociais nos quais ele teve/tem existência. A alternância de posição sujeito e os deslocamentos de sentido daí decorrentes atestam a heterogeneidade e a não fixidez do espaço discursivo. Hall (2014, p.12) afirma que uma identidade “plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”, portanto a identidade é, para o sujeito discursivo, plural e fragmentada, própria de

deslocamentos e ao caráter heterogêneo de constituição de sujeito, que está sempre em construção por uma via de mão dupla com o outro de natureza social, e o Outro inconsciente.

A relação entre o discurso e o poder é abordada por Michel Foucault, em que para o autor a relação de poder está entre os sujeitos, com o objetivo de conduzir, levar o outro a uma ação que se queira. Diz Foucault (2013, p.10):

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se lutar, o poder do qual queremos apoderar”.

Entretanto, Foucault (2007, p.8) diz que o poder deve ser considerado “como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais que uma instância negativa que tem por função reprimir”. Ao passo que o poder, nessa forma produtiva apresentada por Foucault, produz sujeitos, constrói lugares de existência sócio-histórica, possibilita os deslocamentos e movências que não cessam de (trans)formar o sujeito.

Deslocamentos no discurso engraciano

O sujeito fragmentado apresentado por Pêcheux é atravessado de diversas posições de sujeito. Os textos de Arthur Engrácio como crítico e ficcionista produzem efeitos de sentido que podem ser analisados sob diferentes olhares. Neste estudo, apresento os deslocamentos nos efeitos de sentidos produzidos nos textos engracianos. São analisados tanto os deslocamentos do sujeito entre o contista e o crítico, que são as posições sujeito que Engrácio assume, quanto os deslocamentos de sentido no discurso de Engrácio enquanto crítico literário.

Deslocamentos

O pioneirismo de Arthur Engrácio no Clube da Madrugada (doravante CM), o mais importante movimento artístico-cultural da história das letras amazonenses, refere-se à sua temática, que tinha o caboclo como ponto central das narrativas. Para Alisson Leão (2011, p.145), a relação de Engrácio com a tradição local é baseada num viés de temporalidade, logo, “ela é tradição porque é anterior a ele; a hegemonia dessa tradição é da ordem temporal”. Em termos de discurso, a intenção de Engrácio era de superar a tradição local instituída antes do

CM.

O efeito de sentido comum ao discurso, tanto como crítico quanto como ficcionista, de Arthur Engrácio é a ideia apresentada do que é a literatura autenticamente amazônica. Na posição-sujeito de crítico literário, Engrácio ao elogiar o escritor Agildo Monteiro em seu ensaio, faz a seguinte afirmação:

[...] seu comportamento não é mais o dos escritores contemplativos ou simplesmente admiradores da paisagem, mas o dos que estão com a preocupação voltada para os problemas do homem amazônico, seu abandono, seu isolamento, seu sofrimento suas necessidades, procurando ao mesmo tempo, através de sua arte sensibilizar os poderes públicos para essa realidade que eles ainda não quiseram ver (ENGRÁCIO, 1995, p.91).

É notório no discurso de Engrácio sua aversão ao que ele chama de “academicismo caduco”, ou ainda “as velhas fórmulas”. Para o crítico, “a surrada forma acadêmica de escrever” seria a literatura contemplativa e paisagista já praticada anteriormente por uma gama de escritores, que Engrácio (1976, p.58) apresenta: “antes era o academicismo de Alberto Rangel, Raymundo Moraes, Alfredo Ladislau, Ferreira de Castro e outros”. Então, na posição sujeito de crítico literário, Engrácio condena o ímpeto descritivo centrado no ambiente natural.

As considerações sobre o que é literatura verdadeiramente amazônica realizada por Engrácio na condição de crítico literário podem ser encontradas também em seu discurso enquanto contista. Leão (2011, p.137) diz sobre a prosa de Engrácio que “o foco narrativo dos contos está com certeza nas relações de produção; mas a natureza espreita os personagens, observa-os a partir das sombras e algumas vezes, entra em cena decisivamente”.

É o que ocorre, por exemplo, no conto “Pescadores”, de *Histórias de submundo* (1960), em que apresenta em seu enredo a história de dois ribeirinhos, que cansados dos desmandos ocorridos nos barracões, decidem ter sua independência econômica através da caça aos jacarés. À noite, os pescadores esperam o melhor momento para a investida, flutuando em sua canoa nas águas calmas do rio, quando surge a presa, e ao tentar dominá-la um dos pescadores pede ajuda ao seu amigo, mas esse, devido à embriaguez – que era comum nos seringais, pois o álcool era utilizado como anestésico – estava dormindo. Assim, os papéis se invertem, e, então, os pescadores tornam-se as presas. Implicitamente está presente a ideia da morte dos pescadores que teriam sido devorados pelo jacaré.

A prosa de Engrácio é um protesto contra a condenação da sociedade extrativista. O contista apresenta a condição de vida do caboclo no seguinte trecho ainda do conto em

questão:

Não interessava mais borracha, balata, caucho. Para que? Patrão sempre ganancioso a lhes roubar no preço, no peso, em tudo. Fim de fábrica, pensava em comprar uma calça, cadê dinheiro? ‘Seo Isidório, tome lá a sua conta corrente. Tantos quilos de açúcar, tantos de feijão, tantos de jabá. O senhor fica me devendo tanto. São precisos tantos quilos de borracha para cobrir essa diferença. Cave no fundo seo Isidório. ‘Não facilite’ Era só o que ouvia. Às vezes arriscava: patrão precisava uns metro de fazenda pra família que está toda nua... Não lhe deixava acabar de falar. ‘Não pode ser homem de Deus, não pode ser! Tire primeiro o produto! Senão, nada feito! Ouviu?’ Sim, ele ouvia. E muito bem” (ENGRÁCIO, 2005, p.55-56).

Ainda no tocante à expressão do universo ribeirinho, o contista, através de sua obra, se revela indignado, revoltado com a humilhação, o sofrimento e violência praticados contra o homem interiorano. Dessa forma, a leitura de seus contos é uma expressão do universo interiorano. No conto “A revolta”, de *Histórias de submundo* (1960), as personagens emergem da paisagem natural, fortes, ousadas e vingativas. O conto narra a revolta de caboclos, liderados por Chico Pantoja e Manduca, contra o coronel Euzébio. Os caboclos maduram seus ódios, tecem planos para destruir o coronel e sua arrogância. Assim, a morte do coronel Euzébio quer simbolizar o fim de um sistema de injustiça e violência:

Agora riam e bebiam, antegozando a hora que poriam a mão no cachaço gordo do coronel Euzébio, homem mau, senhor de barão e cutelo, que de há muito lhes vinha perseguindo, roubando-lhes, inclusive, as criações, os momentos de sossego, a paz enfim. A ponta de seus punhais iria sentir a volúpia de furar as carnes muito brancas e balofas do patrão déspota. Iriam, finalmente, tirar desforra do branco ganancioso que não se contentava com o que tinha, e procurava sempre apossar-se da pequena nesga de terra que adquiriam sabe Deus com quanto esforço para fazer as suas plantações, os seus roçados. Caboclo iria deixar de apanhar de palmatória, suas mulheres seriam respeitadas, suas filhas e irmãs não mais se prostituíam na cozinha dele. Seria aquela a sua noite de vingança, de liberdade. Por isso é que bebiam e cantavam àquela hora avançada (ENGRÁCIO, 2005, p.32)

Tenório Telles ao escrever o prefácio da obra *Histórias de submundo* (2005), afirma que “a leitura da obra de Arthur Engrácio revela um autor cioso, comedido e austero no seu processo de composição e elaboração de seu discurso ficcional” (TELLES in ENGRÁCIO, 2005, p.21). Portanto, o discurso ficcional e o crítico possuem como convergência uma nova forma de ficcionalização da vida ribeirinha, defendida por Arthur Engrácio, tanto na posição-sujeito de crítico literário, quanto na de contista.

Outro ponto de deslocamento dos discursos de ficcionista e crítico literário de Arthur Engrácio é o viés crítico contrário ao que Leão (2011, p.144) denomina, “verbalismo alucinado” – e ao mais que a ele esteja associado. A crítica era à uma linguagem rebuscada, “à

mania verborrágica de um retoricismo empolado”. Assim, em seu ensaio crítico sobre a obra de Paulo Jacob, Engrácio (1976, p.115) afirma que esse estilo de linguagem “prejudica consideravelmente a obra, afastando de si o leitor que, impossibilitado de decifrar tão complicada fraseologia, fica fora de alcance da mensagem que o autor, naturalmente, propôs-se a transmitir quando da elaboração do seu trabalho”.

Na posição-sujeito de crítico literário, Engrácio (1976, p.116) diz que com a dificuldade de leitura da obra, involuntariamente, talvez, ergue o ficcionista uma barreira entre ele e o público. Portanto, para ele:

expressar-se alguém dessa forma – seja o contista, o poeta, o jornalista, o radialista, o romancista, o ensaísta, etc. – é não querer, realmente, ser entendido e apreciado pelo povo – a quem, afinal, se dirigem não só o escritor, mas todos aqueles que necessitam comunicar-se”.

Como ficcionista, seu texto é vertido numa linguagem simples, sem rebuscamentos ou excessos. É direta e cortante. Para Leão (2011), o ficcionista centraliza sua narrativa nas ações e evitando as digressões, principalmente na obra *Histórias de submundo* (1960), dando ritmo intenso aos contos. No conto “A vingança”, por exemplo, que narra a vingança de Maurício Pinto sobre José Tobias, que havia fugido com a mulher do primeiro, acontece com o aparecimento de aproximadamente quinhentos porcos-do-mato, que em questão de instantes devoram José Tobias, deixando apenas uma poça de sangue no chão da floresta.

E soltou outra gargalhada, que repercutiu pela floresta como um prolongado trovão. Em seguida disparou a espingarda cujo estampido incitou mais a ferocidade dos animais que, num só avanço, caíram sobre o desgraçado, disputando-o entre si. Um último grito, pungente e lancinante, fez-se ouvir para logo depois notar-se o mais completo silêncio (ENGRÁCIO, 2005, p. 75).

O trecho acima mostra o último momento da vingança de Maurício Pinto, ao ver José Tobias ser devorado pelas feras. Tudo é movimento e som, não há digressões. Há dessa forma uma espécie de economia narrativa. Engrácio muda o foco do natural para o homem.

A mesma linguagem simples e fluida do ficcionista se apresenta no conto “Áspero chão de Santa Rita”, da obra *Restinga* (1976). O conto narra a história de Galdino, que sofre com as lembranças de sua amada Doquinha. Ele é obrigado, pelo coronel, a deixá-la sozinha, grávida, enquanto estava próximo o momento do parto. Não podendo resistir, Galdino acompanha o coronel e abandona Doquinha. Quando ele retorna, a mulher já era só o cadáver:

Agora sentia as pernas como barras de chumbo. Não podia caminhar, o coronel desaparecera. Sem luz para voltar, caiu ali mesmo, morto de cansaço, os braços entorpecidos, tudo ao Deus dará. Quando acordara pela manhã, faltava-lhe o músculo da perna, o sangue coagulava-se sobre os ferimentos, que fediam muito e sobre os quais moscas em bando patinhavam. Arrastando-se, conseguira chegar à barraca, onde a mulher era apenas um cadáver, de ventre mais intumescido e de fisionomia mais triste. Galdino bebe mais um gole de café, ajeita entre os dedos mirrados um longo cigarro e olha a chuva cair. E, sem perceber, uma chuva diferente começa a descer, também, dos seus olhos baços (ENGRÁCIO, 1976, p.63).

Segundo Telles, este “é um dos contos mais emocionantes do livro” (TELLES *in* ENGRÁCIO, 2005, p.22). Através da linguagem simples, em que a vida interiorana brota de suas páginas, Engrácio, tanto como crítico, quanto como ficcionista, tece um painel humano sobre a realidade dos ribeirinhos.

Os deslocamentos de efeitos de sentido dos discursos de Engrácio, como contista e crítico literário, são atribuídos ao que Lacan diz ser a fragmentação do sujeito. Assim, consciente de que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2014, p.12), noto as oscilações entre os discursos de Engrácio não como contradições, mas sim deslocamentos de suas posições de sujeito, de ficcionista e crítico literário.

O primeiro deslocamento de sentido no discurso de Engrácio deve-se ao fato de que, enquanto crítico literário, ele condena a insistência no tema da borracha, recorrente na tradição “academicista”, “o tema a que nos referimos – clássico já – é a borracha, e os escritores que até hoje se valeram dele para a edificação das suas obras, infrutiferamente, vão aí pelas centenas” (ENGRÁCIO, 1976, p.126). Ao que parece, o crítico apresenta a ideia de que o tema era obsoleto.

Há na ficção um grave perigo para os que se aventuram em caminhos trilhados por outros, mormente, quando estes já cruzaram demoradamente esses caminhos, devassando-os, tornando-os por assim dizer, conhecido de todos. O perigo está em que o intinerante – no caso o escritor – talvez não encontre nessas paragens nada mais para explorar, nada de novo para contar, e caia na chatice das repetições, dizendo justamente aquilo que já foi dito e redito pelos seus antecessores, transformando-se, assim, numa espécie de papagaio das letras” (ENGRÁCIO, 1976, p.125).

O ponto de deslocamento da posição-sujeito acontece pelo fato de que, enquanto ficcionista, Engrácio obteve notoriedade de seus contos exatamente pela persistência do enredo que trata do caboclo no interior das florestas. Para Leão (2011), obras como *Histórias de submundo* (1960) – que de seus 12 contos, sete são de cenário interiorano e cinco de cenário urbano, *Restinga* (1976), *Contos do mato* (1981), *Estórias do rio* (1984), e *20 contos*

amazônicos (1986) investem de forma demasiada naquilo que Engrácio censurara, ou seja, “na repetição de um tema que persiste desde alguns contos do “academicista” Alberto Rangel, autor de *Inferno Verde* (1908), a borracha ou outras formas de extrativismo” (LEÃO, 2011, p.136).

Engrácio desvia o foco da narrativa do natural para o homem, ou seja, centraliza-a nas relações de produção que partem do látex ou da castanha como matéria-prima. Assim, Leão (2011, p.137) afirma que “resta ainda uma ponta daquela ideia de natureza indomável, da natureza como desafio e, conseqüentemente, como conquista para poucos”. Na contística engraciana, o ameaçador da natureza, o que escapa do social, não é tanto a (s) planta (s) como é o animal, é o que ocorre no conto “Pescadores”, por exemplo, em que o cenário permanece sendo o do extrativismo (caça ao jacaré). Portanto, essa persistência, embora oblíqua, da ideia de natureza como desafio, que é uma das características da “surrada forma de escrever” que Engrácio censurara.

Ainda no mesmo ensaio, o crítico muda o tom e ressalva que o problema maior não é a repetição do tema da borracha, mas a maneira “infrutífera” como na maioria das vezes acontece. Engrácio diz em seu ensaio crítico a respeito de *Beiradão*, de Álvaro Maia: “[...] faltou um trabalho mais acurado de recriação, de revitalização do tema; uma linguagem mais renovada, por assim dizer, que garantisse ao romance um cunho maior de autenticidade” (ENGRÁCIO, 1976, p.126), ou seja, para o crítico é necessário maestria e grandeza à realização do tema.

Engrácio em seus ensaios críticos chama atenção para um grave “pecado” no livro de Paulo Jacob, *Chuva Branca* (1968), a influência de João Guimarães Rosa na construção dos textos. O crítico diz: “há, pelo menos, um empolgamento exagerado do romancista iniciante pelo consagrado, chegando aquele a quase reproduzir, *ipsis litteris*, muitas frases que este escreveu” (ENGRÁCIO, 1995, p.30). A influência maior, segundo Leão (2011, p.149), seria “por causa dos neologismos, do coloquialismo, do experimentalismo linguístico de Guimarães Rosa”.

Contudo, Leão (2011) ressalta que para Engrácio, enquanto crítico, o problema é o “quando” da influência. Engrácio afirma “não somos contra, não condenamos essas influências. Ao contrário, até as louvamos, pois, parafraseando Antônio Olinto, a influência de Guimarães Rosa é uma das boas coisas que podem acontecer a um escritor que está começando” (ENGRÁCIO, 1976, p.82). O crítico ainda complementa “o desaconselhável será a continuação da influência, porque aí, então, o escritor irá ficando cada vez mais longe de si

mesmo e, também, das fontes da técnica e da criação” (ENGRÁCIO, 1976, p.82). No entanto, Engrácio conclui seu ensaio elogiando o escritor Paulo Jacob e afirmando que seu “elogiável talento de romancista dá-lhe condições de abrir o seu próprio caminho, criar a sua própria técnica, sem precisar mais de apadrinhamentos ou influências” (ENGRÁCIO, 1995, p.33).

Portanto, finalizo a abordagem dos pontos de deslocamentos de sentido dos discursos e deslocamentos de posição-sujeito de Arthur Engrácio, como crítico e ficcionista, com um último quesito: o conceito de prosa e poesia verdadeiramente amazônica. Como já fora mencionado, enquanto para o crítico literário, “uma literatura verdadeiramente amazônica seria aquela que tem como centro ao invés da natureza, o homem em sua relação de produção com essa natureza” (LEÃO, 2011, p.129), quando se trata de poesia verdadeiramente amazônica, a opinião do crítico difere. Para Engrácio, “a poesia essencialmente amazônica é a poesia que tem como motivação as coisas da região – os rios, as aves, os peixes, a mata, etc.” (ENGRÁCIO, 1995, p.74). Dessa forma, noto que em seu discurso subsistem vestígios da importância dada à natureza, que se notava com facilidade na ficção precedente à sua.

Conclusão

O sujeito, ressaltando os constantes deslocamentos que sofre no espaço, sempre construído socioculturalmente pelas posições-sujeito, constitui-se de uma heterogeneidade de elementos que promovem construções identitárias plurais. “Há em cada lugar ocupado pelo sujeito, um conjunto exterior complexo de elementos de ordem sócio-histórica, cultural e ideológica que atuam na construção da subjetividade, tomada como um processo não-fixo” (FERNANDES *et al.*, 2009, p.190).

Dessa forma, Arthur Engrácio enquanto sujeito, que Lacan afirma ser fragmentado, construiu seus discursos, ficcional e crítico, de forma plural. Assim, o presente artigo procurou interrogar como as condições de produção da obra de Arthur Engrácio constituem modos de significar conflitantes entre os diferentes discursos, diferentes posições subjetivas e que desencadeiam pluralidades identitárias, e pluralidades de concepções da discursividade artística.

Referência

ENGRÁCIO, Arthur. **Histórias de submundo**. 2 ed. Manaus: Valer; Edua; Governo do Estado; Uninorte, 2005.

_____. **Os tristes**. Manaus: Imprensa Oficial do Estado, 1995.

_____. **A berlinda literária**. Manaus: Prefeitura Municipal, 1976.

_____. **Restinga**. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1976.

FERNANDES, Claudemar; GAMA-KHALIL, Marisa; ALVES JR, José (orgs) **Análise do discurso na literatura: rios turvos de margens indefinidas**. São Carlos: Claraluz, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola. 2013.

_____. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 24 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. TomazTadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LACAN, Jacques, 1901-1981. **O seminário: livro 2**. O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955). Trad. Marie Christine LasnikPenot, Antonio Luiz Quinet de Andrade. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LEÃO, Allisson. **Amazonas: natureza e ficção**. São Paulo: Annablume; Manaus: FAPEAM, 2011.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Campinas: Unicamp, 1995.

VANIER, A. **Lacan**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.